

## O (DES)TECER DE ENREDOS: UMA LEITURA D'OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA

Léa Costa Santana Dias\*

**Resumo:** *No auge da Guerra de Canudos, o jornal O Estado de S. Paulo envia ao cenário do conflito o engenheiro e jornalista Euclides da Cunha. Impactado com o “mundo novo” com o qual se deparara, o autor é levado a repensar seus conceitos referentes ao tema e a reconstruir seus textos anteriores à viagem. Visando a traduzir em linguagem o que vira, ouvira e imaginara, Euclides se propõe a redirecionar seu livro (idealizado antes da ida a Canudos), através de exaustivas leituras, reescrita de textos, revisão de notas, reunião de documentos, reorganização de idéias e impressões pessoais, agindo menos como um cientista em busca de uma “verdade” do que como um artista em busca de palavras que melhor representassem aquela realidade dramática. Desse esforço de expressão, surge um elaborado trabalho discursivo, que, visando à narração de um fato histórico, firma, dentro do espaço textual, uma mutualidade de influxos entre percursos aparentemente opostos. Considerando-se essas questões, esta comunicação – em suma, o resumo da Dissertação de Mestrado intitulada O (des)tecer de enredos: uma leitura d’Os sertões, de Euclides da Cunha – pretende pôr em discussão o modo como se constrói a narrativa de Os sertões, com ênfase em suas antinomias e idéias muitas vezes contraditórias, que são estratégias através das quais Euclides da Cunha, portando-se como um viajante/descobridor, representa os eventos da guerra sertaneja com emoção e consciência crítica, fazendo da História o lugar de intersecção entre Ciência e Arte.*

**Palavras-chave:** Euclides da Cunha; Os sertões; Canudos; Ciência; Arte.

### INTRODUÇÃO

Nesses mais de cem anos de história de *Os sertões*, autor e obra já ultrapassaram a marca de dez mil títulos de estudos. Em virtude disso, qualquer pesquisador que se aventurar por essas veredas, inevitavelmente levará sobre si o peso dessa grandiosidade, que deslumbra e desnorteia ao mesmo tempo. Esse aspecto não passou despercebido durante a escrita de minha Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana, em 01 de agosto de 2003, sob orientação do professor Dr. Rubens Edson Alves Pereira e co-orientação do professor Dr. José Carlos Barreto de Santana. Diante de toda a complexidade que envolve a elaboração de um trabalho sobre *Os sertões*, seja pela vastidão bibliográfica, seja pela própria estrutura do texto, constituiu-se minha preocupação conhecer um pouco sobre como a crítica especializada se tem pronunciado, desde sua publicação até os dias atuais. Desse interesse resultou um trabalho firmado no diálogo com autores consagrados pela tradição euclidiana, dentre eles, Olímpio de Souza Andrade, Lourival Holanda Barros, Leopoldo Bernucci, Valentim Facioli, Walnice Nogueira Galvão, José Carlos Barreto de Santana, Nicolau Sevchenko, Roberto Ventura, José Veríssimo, Marco Villa, Berthold Zilly e outros.

A Dissertação está dividida em dois capítulos: “Euclides da Cunha entre a *civilização* e a *barbárie*” e “O mito do progresso: utopias e ruínas”. No primeiro capítulo, composto pelos subcapítulos “Pelas veredas do sertão” e “Uma relação paradoxal com o ideal republicano”,

---

\* Léa Costa Santana Dias é professora de Literatura Brasileira na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XXII, Euclides da Cunha. É especialista em Estudos Literários e mestra em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; Editora da *Revista Outros sertões*, UNEB, Campus XXII, Euclides da Cunha.

abordamos a viagem de Euclides ao sertão e o conseqüente choque com o desconhecido – fenômeno cuja complexidade o levou a rever valores e conceitos em que acreditava. No segundo, abordamos o modo como Euclides organizou sua interpretação da guerra após a viagem a Canudos. No sub-capítulo “Ciência e arte: imagens que se complementam”, partimos da própria concepção euclidiana do consórcio entre “ciência e arte” e construímos um diálogo entre ambas, entendendo-as como partes indissociáveis de um mesmo discurso, que se interpenetram durante toda a narrativa, dando a Euclides a oportunidade de se constituir como aquilo que ele acreditava ser o *escritor do futuro*. No sub-capítulo “A construção da *rocha viva da nossa raça*”, são enfatizadas as contradições de Euclides, homem de ciências do século XIX, que, convivendo com o racismo e os preconceitos de seu tempo, precisou eleger um povo (o sertanejo) para representar o brasileiro do futuro, embora, para isso, tenha sido levado a *forjar* sua homogeneidade a partir de estratégias discursivas. No sub-capítulo “Caminhos trilhados por *rudes compatriotas retardatários*”, há um questionamento irônico dos *benefícios* que o progresso e a modernidade trouxeram ao sertanejo – elemento caracterizado por Euclides como a “rocha viva da nossa raça”, pronto para ser incorporado à *civilização*. Sempre em diálogo com a perspectiva de Euclides em relação ao futuro, são destacadas as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos, vítimas da seca, da fome, da miséria, da marginalidade social e das conseqüências desastrosas do progresso, quer estejam num ambiente assolado pela guerra (como em *Os sertões*, publicado em 1902), quer estejam nos seringais do Acre (como em *À margem da História*, de Euclides da Cunha, publicado em 1911), quer estejam migrando para algum lugar (como em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, publicado em 1938), quer estejam num grande centro urbano (como em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, publicado em 1977).

## DESENVOLVIMENTO

Ao longo da Dissertação, procuramos analisar alguns parâmetros textuais e contextuais que culminaram na construção de *Os sertões*. Dentre estes parâmetros, destaca-se o contato de Euclides com o sertão, que se deu tanto de forma presencial, quanto através de leituras. Através dessas *viagens* pelas veredas *ignotas* do sertão, Euclides percebeu que os *civilizados* pouco se avantajavam aos “rudes patricios retardatários” (Cunha, 2001a, p. 502). Para ele, estes, “ao menos, eram lógicos” (p. 502): matavam em defesa do direito à vida; aqueles, ao contrário, faziam parte de uma “multidão criminosa e paga para matar” (p. 735). Além de se assemelharem na prática de atos bárbaros, soldados e jagunços se confundiam no mesmo fanatismo: se os conselheiristas possuíam seus rosários e medalhas e prosseguiam, em sua resignação estóica, em busca das promessas do Paraíso, os soldados republicanos “tinham todos, sem excetuar um único, colgada ao peito esquerdo, em medalhas de bronze, a efígie do marechal Floriano Peixoto” e lutavam até à morte, saudando a memória de seu herói e líder, “com o mesmo entusiasmo delirante, com a mesma dedicação incoercível e com a mesma aberração fanática com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus misericordioso e milagreiro” (p. 617). Euclides, que chegou ao sertão crendo ser possível marcar a diferença entre *bárbaros* e *civilizados*, acabou diluindo as linhas divisórias entre ambos.

Para reorganizar suas concepções a respeito da realidade sertaneja, comportou-se de maneira diversa daquela sugerida na “Nota preliminar”, inserida em *Os sertões*, onde classificou o livro como algo “escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante” (Cunha, 2001c, p. 65). Ao contrário, durante todo o processo de escrita do famoso ensaio, no qual se inclui o período anterior à viagem ao sertão, fez exaustivas leituras, consultou autores, testemunhas e compêndios, reescreveu seus próprios textos, revisou notas, reuniu documentos, reorganizou idéias e impressões pessoais, revelando, segundo Walnice Nogueira Galvão, “o perfil de um homem honesto, que quer descobrir a verdade, mesmo que ela lhe doa e lhe custe o

duro preço de suas ilusões e crenças juvenis, bem como a confiança que tem no mundo que o cerca” (Galvão, 1976, p. 71).

Dessas viagens intra e intertextuais, surgiu o tratado de revelação de um país em que apenas a uma face era dado o privilégio de ser ou de aparecer. Mais do que apresentar aos brasileiros a existência de um país dividido, formado por dois brasis antagônicos – um centrado na hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e de Minas Gerais; e outro marginalizado, sem condições de competir em capitais e mão-de-obra com as regiões detentoras do poder político e econômico –, Euclides revelou a não existência da nação. Afinal, conforme observações de Valentim Facioli, “a nação constituída de uma minoria privilegiada à custa da terrível miséria e opressão da maioria, não figurava uma nação real, mas a ser formada, a ser construída” (Facioli, 1990, p. 101). Mais do que a representação de um país, o que apareceu foi a representação de sua incompletude, fruto das marcas e dilacerações provocadas pelas desigualdades socioeconômicas. Ao ser revelado o *outro* desconhecido, foram retiradas as máscaras e desvendadas muitas coisas que permaneceram ocultas durante muito tempo; foram arrancadas as vendas dos olhos e foi dada aos brasileiros a oportunidade de se contemplarem num espelho cujo reflexo era horrendo: “o desgraçoso, desengonçado, torto” (Cunha, 2001a, p. 207) invadiu a rua do Ouvidor e pôs em xeque o processo de modernização do país:

Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfolegante de campeador domado: mulheres, sem-número de mulheres, velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos encarapitados às costas, filhos suspensos aos peitos murchos, filhos arrastados pelos braços, passando; crianças, sem-número de crianças; velhos, sem-número de velhos; raros homens, enfermos opilados, faces túmidas e mortas, de cera, bustos dobrados, andar cambaleante (p. 774).

Esse extermínio significa, em essência, a não incorporação dos “rudes patrícios retardatários” (p. 502) à civilização – algo que só poderia ser feito no futuro, quando as raças fortes esmagassem as raças fracas. (Cunha, 2001c, p. 66). O futuro, porém, vinha representado por uma imagem monstruosa – uma criança com o rosto mutilado:

E essa criança horrorizava. A sua face esquerda fora arrancada, havia tempos, por um estilhaço de granada; de sorte que os ossos dos maxilares se destacavam alvíssimos, entre os bordos vermelhos da ferida já cicatrizada... A face direita sorria. E era apavorante aquele riso incompleto e dolorosíssimo aformoseando uma face e extinguindo-se repentinamente na outra, no vácuo de um gilvaz (Cunha, 2001a, p. 775).

Este era o símbolo maior das dicotomias do país. Em uma face, havia o sorriso; na outra, a chaga. De um lado, a suposta barbárie, que nada mais era que um agrupamento de pessoas lutando pela sobrevivência, resistindo até à morte em defesa do território invadido; do outro, os representantes da *civilização*, que, ignorando sua própria condição de marginalizados sociais, cometeram uma das maiores barbáries da nossa História. De um lado, a certeza da vitória; do outro, mulheres torturadas pela derrota, “precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos” (p. 779). De um lado, cinco mil soldados; de outro, quatro defensores solitários: um velho, dois homens e uma criança. De um lado, o hasteamento da bandeira nacional em meio à praça vencida e os brados em comemoração à vitória; do outro, casebres em ruínas, fogo, destruição e morte. No sorriso, a ironia. Na chaga, a vingança. No rosto incompleto, o protesto silencioso, a vergonha, a ferida encravada na alma nacional. A criança era monstruosa, mas, como representação do futuro, produzia a esperança. A incompletude de seu rosto funciona, portanto, como uma metáfora para a situação do país, onde

sempre há a esperança de que possa ser superada a crise nacional, marcada pelo conflito entre a crença no progresso, na modernização, na industrialização e a decepção com suas conseqüências. *Os sertões* é o lugar onde este conflito se torna representável. Mais do que a narração dos eventos de uma guerra – que já haviam sido amplamente divulgados pela imprensa e explorados em vários livros sobre o tema, surgidos na época – *Os sertões* é a representação de conflitos, ansiedades, utopias e ruínas várias, que são traduzidos em linguagem através do consórcio entre ciência e arte.

Após o lançamento de *Os sertões*, a postura de Euclides perante o consórcio entre ciência e arte aparece esboçada pela primeira vez numa carta a José Veríssimo, datada de 03 de dezembro de 1902, na qual o autor defende a idéia de que “o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano” (Cunha, 1997, p. 143). No entanto, conforme enfatiza Valentim Facioli (1998, p. 35-59), antes mesmo da escrita de *Os sertões*, essa concepção estético-científica já constituía um traço significativo do pensamento de Euclides e continuou a marcar os textos posteriores, sobretudo os amazônicos. Vale lembrar que, em 08 de maio de 1892, tomando como pretexto o anúncio da publicação dos livros de poemas dos escritores Júlio César da Silva e Ezequiel Ramos Júnior, Euclides publicou em *O Estado de São Paulo*, na sessão “Dia a Dia”, uma crônica na qual defendia o consórcio, argumentado que “é pela arte, de uma maneira geral, que se pode formar a mais pronta, a mais ampla e a mais segura idéia da superioridade afetiva e mental de um povo” e que

a ciência, altamente cosmopolita, define na história as épocas sucessivas de elevação humana; o seu caráter de universalidade é tal que é vulgar o fato de notáveis descobertas feitas simultaneamente em pontos diferentes: define de um modo geral o espírito humano – competindo a arte mais especial, definir o espírito das nacionalidades (Cunha, 1995, p. 672).

Para Euclides, a arte representava o particular (nacional); e a ciência, o universal. Seu objetivo com o consórcio era atingir a totalidade. Para que esse ideal fosse viabilizado, seria necessário que houvesse um grande evento histórico capaz de motivá-lo. Este papel, segundo Valentim Facioli, foi desempenhado pela guerra de Canudos, pois “o acontecimento pareceu a Euclides de uma ordem de grandeza incomum e só comparável a momentos excepcionais da vida dos povos” (1998, p. 36).

Como Euclides permaneceu pouco tempo em Canudos (talvez, menos de três semanas) e, conseqüentemente, não presenciou muitas cenas descritas no livro, surgiram várias lacunas no processo de escritura que, segundo Berthold Zilly, tiveram que ser supridas com a imaginação (2001, p. 44). A essas lacunas, juntaram-se outras, advindas da própria dificuldade de se lidar com a realidade sertaneja. Havendo, então, a impossibilidade de explicar o fato por meio de um discurso unilateral, o escritor recorreu à arte, utilizando “a fantasia” como um meio de insurgência “contra a gravidade da ciência” (Cunha, 2001a, p. 138). Através dessa escrita antinômica, o “rigor incoercível da verdade” (Cunha, 2001b, p. 784) pretendido por Euclides parece ter sido posto em segundo plano – o que dá à mímesis representativa um aparente domínio textual, em que, conforme Leopoldo Bernucci, “o que passa a adquirir importância parece já não ser propriamente o que se narra mas como se narra” (1995: 107). Nesse encontro entre ciência e arte, emergem as muitas antíteses, paradoxos e oxímoros, que compõem aquilo que Walnice Nogueira Galvão classificou como o “pensamento oximorótico” de Euclides da Cunha. Por meio dele, “vemos o autor cedendo passo a um número imenso de vozes estranhas umas às outras, emitindo uma discussão de idéias muitas vezes contraditórias”. Aliás, em *Os sertões*

a síntese é impossível: a verdade do livro está em suas contradições. As idéias vão e voltam, o argumento que se expõe num dado passo é seguido de seu contrário, logo depois ou centenas de páginas adiante. Tudo isso representa, no

seu movimento de vaivém, a impossibilidade da inteligência brasileira de entender o fenômeno e de tomar um e um só partido” (Galvão, 1994, p. 631).

A ciência e a arte assim dispostas no texto não se alternam entre si, mas formam um só discurso, fundado exatamente a partir da convivência entre contrários. O conflito entre ciência e arte é também o conflito da nação, fortemente influenciada pelos princípios científicos advindos da política imperialista, que a faziam sentir-se numa posição de inferioridade perante a Europa, civilizada e supostamente *homogênea* sob o ponto de vista étnico.

Este estado da nação brasileira punha em descrédito a nossa própria nacionalidade – o que constituía um empecilho para a realização do consórcio entre ciência (universal) e arte (nacional), idealizado por Euclides. Para que o consórcio se tornasse aplicável à realidade brasileira, tornava-se necessário que houvesse no país uma nação sólida, coesa, em condições de civilizar-se ou, pelo menos, um povo que a pudesse formar no futuro. Diante dessa necessidade, Euclides elegeu o sertanejo do Norte – elemento que, por ser mestiço, também estaria sujeito às limitações difundidas pela ciência –, recorrendo à *tese do insulamento* para abrandar os efeitos da mestiçagem e, com isso, tornar possível sua caracterização de “rocha viva de nossa raça” (Cunha, 2001a, p. 766). Para fortalecer essa *tese*, Euclides representou a comunidade como um elemento coeso, dando pouco destaque às diferenças de raça, cor, religião, sexo, posição econômica e social. Por isso, conforme destaca Berthold Zilly, em todo o texto, Euclides superestimou os traços da coesão e da uniformidade e negligenciou ou suprimiu os da diferenciação (1999, p. 30).

No entanto, ao optar pela homogeneização da comunidade, Euclides gerou um impasse. Por um lado, assumindo-se como o *narrador sincero*, inspirado em Taine (Cunha, 2001c, p. 67), não podia negar a heterogeneidade dos moradores de Canudos, verificável em suas observações. Por outro, seu compromisso com a construção do discurso exigia-lhe a homogeneização e, portanto, a representação do sertanejo como “a rocha viva da nossa raça”.

Para Euclides, este elemento *bárbaro, incivilizado e homogêneo*, é um Anteu indomável, que vive “em função imediata da terra” (Cunha, 2001a, p. 241), também representada em *Os sertões* como um ambiente portador de uma certa homogeneidade (p. 116-7). No entanto, no período em que ocorreu a guerra de Canudos, o drama da escassez da terra era intenso e se não havia terra à qual o sertanejo se amalgamar, tornava-se inviável caracterizá-lo como um Anteu indomável.

Expulsos da terra, seja pelas secas prolongadas, seja pelas injustiças sociais, os sertanejos se afastam da caracterização de Anteu indomável e se aproximam da caracterização de Judas-Asvero – imagem utilizada por Euclides para representar o sertanejo migrante num texto de nome análogo<sup>1</sup>, no qual é feita a fusão de Judas Iscariotes – atormentado pela culpa de ter traído Jesus – e Asvero – judeu condenado a uma vida errante por ter descrito e zombado de Jesus.

O desterro é algo que tem acompanhado a história do sertanejo ao longo do tempo. Um dos maiores centros de atração para os sertanejos migrantes é o Sudeste brasileiro, sobretudo por funcionar como um contraponto ao sertão supostamente *atrasado e inculto*. Diante dessa situação, pode-se dizer que metaforicamente o *jaguncinho*<sup>2</sup> trazido por Euclides<sup>3</sup> do sertão (lugar de *atraso e incultura*) para um grande centro urbano (que estava se modernizando e se industrializando) é um símbolo dos inúmeros sertanejos que continuariam migrando para o Sudeste do país. O *jaguncinho* foi entregue a uma família paulista, que lhe deu uma nova *identidade* – Ludugero Prestes – e, finalmente, formou-se professor (Santana, 2001, p. 126). Isso,

<sup>1</sup> O “Judas-Asvero” é um dos textos amazônicos que compõem *À margem da história*, publicado em 1911. Neste texto, Euclides fez a denúncia da exploração social a que foram submetidos os sertanejos que migraram para os seringais do Acre (Cunha, 1999, p. 52-8).

<sup>2</sup> Euclides fez referência a este *jaguncinho* na *Caderneta de campo*: “Noto com tristeza que o jaguncinho que me foi dado pelo general continua doente e talvez não resista à viagem para Monte Santo” (Cunha, 1975, p. 55).

<sup>3</sup> José Carlos Barreto de Santana, apoiando-se em estudos de José Calasans, destacou que a guarda de crianças órfãs por participantes da guerra tornou-se um procedimento comum após o término do conflito (Santana, 2001, p. 126).

de certo modo, desinvestiu-o dos valores do sertão e o inseriu em *outro mundo*, que é, em essência, o que Clarice Lispector classificou como o “mundo dos outros” (Lispector, 1999, p. 65), ao se referir aos anseios do personagem Olímpico, do romance *A hora da estrela*.

Muitos migrantes, ao se dirigirem aos grandes centros urbanos, teriam esse mesmo destino; outros, a chance de preservar sua cultura, embora morando em grandes centros urbanos. Uns retornariam ao sertão, de certa forma confirmando o mito êxodo/retorno, presente em algumas representações do sertanejo; outros, analfabetos e desqualificados profissionalmente, continuariam mantidos à margem da sociedade e dos benefícios do progresso e da modernidade.

Um bom exemplo para esse último caso é o vaqueiro Fabiano, de *Vidas secas* (1938). Maltratado pelas condições climáticas da região, o retirante ocupou temporariamente uma fazenda abandonada até a volta do dono da terra, que prontamente reassumiu seus domínios e expulsou o ocupante ilícito. Sem ter um lugar que lhe pudesse servir de abrigo, o vaqueiro não foi embora, não pôde ir embora. Submeteu-se à exploração, à condição de “coisa de fazenda”, de “traste”, a ser “despedido quando menos esperasse” (Ramos, 2000, p. 23). Humilhado, injustiçado, estava destituído da caracterização de Anteu – o que o condenava a “correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante” (Ramos, 2000, p. 19), à semelhança do Judas-Asvero, de *À margem da história*.

A *fuga* descrita no último capítulo de *Vidas secas* era, sobretudo, uma possibilidade de *mudança* na vida de Fabiano, assim como o foram a *mudança* descrita no primeiro capítulo e todas as outras que a antecederam. Embalados pelo sonho, Fabiano e a família se mudariam para o Sul do país. Todavia, como as grandes cidades são acometidas por vários problemas sociais oriundos do crescimento desordenado, talvez a tão almejada mudança não ocorresse de fato.

O futuro incerto, apenas vislumbrado no romance de Graciliano Ramos, aparece em *A hora da estrela* como o veio condutor da narrativa. Ironicamente, após fugir da seca, da fome e da miséria no sertão da Paraíba, Olímpico “dormia de graça numa guarita em obras de demolição por causa da camaradagem do vigia” (Lispector, 1999, p. 45) e Macabéa, que já havia fugido do sertão de Alagoas para Maceió, “morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas” (p. 30).

O Rio de Janeiro da década de 70, já bastante *modernizado*, não estendia de forma justa e igualitária os benefícios do progresso a seus habitantes. Essa situação fez com que o metalúrgico e a datilógrafa continuassem dois insignificantes, marcados por vários estereótipos que cercam a figura do nordestino, como fome, pobreza, humilhação, miséria e exploração social.

O massacre contínuo retirou de Macabéa a capacidade de sonhar. Por ironia, apenas no momento de sua morte, Macabéa descobriu “que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, (...), até então se julgava feliz (p. 79). Nesse dia, Macabéa pôde definitivamente morrer para uma forma de vida infecunda, à qual sempre se viu aprisionada, sem a consciência de que existia, e renascer para uma outra, nova e promissora, elevando-se à categoria de figura símbolo da resistência não apenas dos retirantes nordestinos, mas também de ampla parcela dos excluídos que compõem a população brasileira. Morria a Macabéa, banida da terra – em essência, o Judas-Asvero –, e renascia a outra, amalgamada à terra – em essência, o Anteu indomável. Através de sua silenciosa morte numa rua imunda do Rio de Janeiro, emitiu-se um grito: o grito dos oprimidos e marginalizados contra a política de exclusão social, análogo ao emitido pelos sertanejos aprisionados aos seringais do Acre; análogo ao emitido por Fabiano e sua família em seu rito de passagem à vida incerta das cidades; análogo ao emitido, no final do século XIX, pelos bravos heróis canudenses, sobretudo por sua resistência na luta que transformou numa ignomínia a vitória do Exército republicano.

A morte de Macabéa é a vitória pelo avesso. No *espetáculo* de Canudos, onde não foram poupados crianças, mulheres, idosos e mutilados, ainda se propagou, em meio à fumarada negra das ruínas, a crença na civilização e no progresso. Segundo o autor do libelo vingador,

decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a se combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários (Cunha, 2001a, p. 682).

No *espetáculo* de *A hora da estrela*, não há mais sonho, apenas a descrença no progresso como algo capaz de promover o bem-estar social. Apenas a vingança e a celebração irônica pela morte da utopia. O tempo de *A hora da estrela* (1977) é o futuro, que continuou deixando fora do “nosso tempo” e da “nossa existência” os “rudes compatriotas retardatários” descritos por Euclides. Nesse sentido, o futuro transformou em ruínas o projeto (utopia) euclidiano de estabelecer um consórcio entre ciência (universal) e a arte (nacional), numa tentativa de incorporar o sertão *bárbaro e incivilizado* ao Brasil *moderno e civilizado*, a fim de que este também pudesse ser incorporado à história universal, ao lado das outras nações, modernas e civilizadas.

## CONCLUSÃO

Nossa pesquisa sobre *Os sertões*, de Euclides da Cunha, continua sendo realizada, agora sob o título *O mito do progresso n'Os sertões, de Euclides da Cunha: utopias e ruínas*. Têm funcionado como estratégias de divulgação do trabalho: publicação de textos em revistas e sites; apresentação de comunicações e palestras em eventos; orientação a dois projetos de pesquisa desenvolvidos por alunos do Curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XXII, Euclides da Cunha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNUCCI, Leopoldo. **A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1995, 352p.

CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo**. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975, 197p.

CUNHA, Euclides da. Dia a Dia. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. 1, 1995, p. 645-91.

CUNHA, Euclides da. Correspondência (1890-1909). In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GALOTTI, Oswaldo. (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997, 456p.

CUNHA, Euclides da. Judas-Asvero. **À margem da História**. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 52-8.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001a, 928p. (Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci).

CUNHA, Euclides da. Notas à segunda edição. **Os sertões**. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001b, p. 783-92. (Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci).

CUNHA, Euclides da. Nota preliminar. **Os sertões**. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001c, p. 65-7. (Edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci).

FACIOLI, Valentim. **Euclides da Cunha: a gênese da forma**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1990, 172p. (Tese de Doutorado).

FACIOLI, Valentim. Euclides da Cunha: consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio). In: BRAIT, Beth (org.). **O sertão e os sertões**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p. 35-59.

GALVÃO, Walnice Nogueira. De sertões e jagunços. **Saco de gatos: Ensaio crítico**. São Paulo: Duas Cidades / Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976, p. 65-85.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides da Cunha. In: PIZARRO, Ana. (org.). **América Latina: Palavra, Literatura e Cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, v. 2, 1994, p. 615-33.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, 88p.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 80. Ed., São Paulo, Rio de Janeiro: Record, 2000, 160p.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais**. São Paulo: HUCITEC; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, 214p.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999, 260p.

ZILLY, Berthold. A guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em *Os sertões*, de Euclides da Cunha. In: CHIAPPINI, Lígia, AGUIAR, Flávio Wolf de. (orgs.). **Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional, 09 a 13 de setembro de 1991**. 2. ed., São Paulo: EDUSP, 2001, p. 37-47.